

ÉDIPO, HAMLET E EU

André Henrique M. V. de Oliveira

Se a tese de Freud está correta, a crença em homens “superiores”, isto é, em semideuses e heróis míticos, se assenta no inconsciente e remonta à desejos infantis; logo, remonta também a conflitos surgidos na relação com os pais, sobretudo especificamente com a figura paterna. Esta seria a razão de os mitos serem atemporais e de estarem presentes em todas as épocas e culturas.

Na estória de Édipo – tragédia da Grécia antiga escrita por Sófocles, cujo significado foi explorado na teoria freudiana – o conflito entre pai e filho culmina no trágico destino final do protagonista.

Recém-nascido, Édipo é abandonado pelo pai e deixado para morrer numa montanha entre Tebas e Corinto. No entanto, ele consegue ser salvo, e passa a ser criado como príncipe na corte estrangeira (Corinto). Quando adulto, foge de Corinto para evitar a maldição à qual, segundo o oráculo, estava destinado. À certa altura dessa viagem, entra em luta contra um estranho, a quem termina matando, sem saber que se tratava de seu pai (o rei Laio, de Tebas). Posteriormente, por haver exterminado a esfinge que assombrava Tebas, Édipo recebe



a mãe de Jocasta, rainha da cidade, como sua esposa, com quem gera quatro filhos, sem saber que se tratava de sua própria mãe. Quando descobre os crimes que cometeu inconscientemente, Édipo fura os próprios olhos, abandona a pátria e sai a vagar pelo mundo.

Freud identificou no mito de Édipo a realização simbólica do que ocorre em nós quando nossos impulsos mais infantis não são bem canalizados para que se adequem às normas basilares da sociedade. Ele diz que o destino de Édipo nos comove “apenas porque poderia ter sido também o nosso, porque o oráculo pronunciou a mesma maldição contra nós antes mesmo de nascermos” (Freud, 2019, p.303). E ainda nessa mesma passagem de *A Interpretação dos sonhos*, ele escreve:

O Édipo rei, que matou seu pai, Laio, e se casou com sua mãe, Jocasta, é apenas a realização do desejo de nossa infância. Desde então, porém, contanto que não tenhamos nos tornado psiconeuróticos, temos sido mais felizes em desprender nossos impulsos sexuais da nossa mãe e em esquecer nosso ciúme do nosso pai. Estremecidos, recuamos da pessoa na qual realizou-se aquele desejo infantil primordial, e o fazemos com todo o peso da repressão que esses desejos têm sofrido desde então em nosso íntimo. O poeta, ao revelar a culpa de Édipo, nos obriga ao conhecimento de nosso próprio interior, no qual aqueles impulsos, mesmo que reprimidos, continuam a existir. (...) Como Édipo, vivemos na ignorância dos desejos que violam a moral e que a natureza nos impôs.

Quando esses desejos nos são revelados, todos nós queremos desviar os olhos das cenas da nossa infância (Freud, pp.303-304).

Outra tragédia que remete a uma dolorosa relação entre pai e filho é o *Hamlet*, de Shakespeare. Nesta peça, porém, o enredo não se passa sob uma forma mitológica, como no Édipo da antiguidade, mas como trama palaciana mais concreta, entre o mundo medieval e o mundo da renascença. O protagonista é alguém que encarna formas típicas desse novo mundo: “príncipe renascentista intelectual, cruel, amigo leal e inimigo perigoso, introspectivo e exímio em esgrima, multiforme e paradoxal como sua época” (Heliodora, 2010, p.19).

Se levarmos em conta a definição de “neurose” que Laplanche e Pontalis (2001) incluem no *Vocabulário da Psicanálise*, qual seja, a de que neurose é uma “afecção psicogênica em que os sintomas são a expressão simbólica de um conflito psíquico que tem raízes na história infantil do sujeito e constitui compromissos entre o desejo e a defesa” (p. 296), a conduta de Hamlet corresponde muito então a de um neurótico. Ainda no mesmo dicionário, por 1) “sintomas neuróticos” e por 2) “caráter neurótico do ego” se entende o seguinte:

1) São as perturbações dos comportamentos, dos sentimentos ou das ideias que manifestam uma defesa contra a angústia e constituem relativamente a este conflito interno um compromisso do qual o sujeito, na sua posição neurótica, tira certo proveito.

2) Este não pode encontrar na identificação do seu próprio personagem boas relações com os outros e um equilíbrio interior satisfatório (p. 298).

Na tragédia shakespeariana, O rei Hamlet é assassinado pelo próprio irmão, Cláudio, que derrama veneno em seu ouvido enquanto ele dormia. Cláudio assume o trono e se casa com a rainha, viúva do rei Hamlet. O fantasma do rei passa a aparecer clamando ao Hamlet (filho) que se vingue por sua morte. Hamlet, o filho, começa então um calvário existencial repleto de dúvidas e indecisões. Qual o certo a fazer? Há algo certo a fazer? É melhor enfrentar este dilema ou suicidar-se perante tanta coisa podre no reino da Dinamarca? Na interpretação de Freud:

Hamlet pode fazer qualquer coisa, menos se vingar daquele homem que afastou seu pai e ocupou seu lugar ao lado de sua mãe, daquele homem que lhe mostra a realização de seus desejos reprimidos da infância. A repugnância que deveria impeli-lo à vingança é substituída por remorsos, por escrúpulos da consciência, que o acusam, num sentido literal, de não ser melhor do que o pecador que deve ser punido (Freud, 2010, p.306).

É interessante saber também que “o drama foi escrito imediatamente após a morte do pai de Shakespeare (1601), ou seja, em pleno luto por ele e, como podemos supor, no reavivamento dos sentimentos da infância referentes ao pai”; e também que “o filho de

Shakespeare, falecido precocemente, se chamava Hamnet” (Freud, 2010, p.307).

Tanto no Édipo quanto em Hamlet uma situação real e dolorosa se impõe. Nos dois casos, essa situação se origina por conta de uma falta, um vazio essencial que se instaurou quando ocorreu um rompimento, que pode tomar a forma tanto do abandono quanto da morte – porque o abandono é um forma de morte e a morte uma forma de abandono, ambos formas de luto. Édipo catalisa toda sua hostilidade contra o pai (inconscientemente, ou seja, sem saber) num embate físico, e assim mata aquele que tentou lhe matar. Porém, fazendo isso, perde também completamente e para sempre seu rumo na vida.

No filme *Hamnet* (2025), baseado no romance de Maggie O’Farrel, Shakespeare é retratado como tendo uma relação tensa e destrutiva com seu pai, que o humilha constantemente. E quando seu filho (Hamnet) morre precocemente, o luto é sublimado de tal forma que, quando escreve a peça *Hamlet*, o personagem-pai é que está morto, e Hamlet, o filho, é quem deve honrar a memória do pai. É como se Shakespeare quisesse dizer que seu filho na vida real, Hamnet, é quem lhe salvaria da morte à qual o patriarca lhe impingiu. Mas, agora com o filho morto, ele, Shakespeare (o rei Hamlet na peça), é quem se tornou um fantasma.

Édipo não sabia nada sobre si mesmo; não conhecia sua origem, e exatamente por isso só lhe coube cumprir um destino já determinado. Já Hamlet teve que lidar com um fantasma e com uma indecisão (“ser ou não ser?”) que lhe empurrava para a loucura e o fez

até cogitar o suicídio. Por isso tudo, é muito pertinente a observação de Bárbara Heliodora (2001) de que “já foi sugerido que todos nós nos sentimos um pouco Hamlet, já que a vida que recebemos ao nascer seria uma tarefa imposta do mesmo modo que a ele a da vingança imposta pelo pai” (p.27). E também quando ressalta que a estória de Hamlet nos remete a um problema:

o problema de enfrentarmos tarefas que não buscamos mas que nos são impostas, e de termos por isso de aprofundar-nos em uma dolorosa análise de nós mesmos, a quem devemos conhecer antes de tomar qualquer atitude em relação à tarefa proposta (Heliodora, 2001, p. 21).

Lacan também tratou do significado psicanalítico do *Hamlet* e observou a função que o *luto* desempenha na estória. Enquanto Édipo vive um luto *sem saber*, Hamlet vive um luto *sem saber o porquê*. Assim, ele não age para resolver seu conflito, ele não enfrenta o que deve enfrentar, ou seja, a si mesmo. Hamlet, diz Lacan, “não pode suportar o encontro. O encontro é sempre cedo demais para ele, e ele o retarda” (Lacan, p. 234).

O “encontro” a que Lacan se refere, assim entendemos, é o encontro com o vazio deixado por aquela figura que deveria ser seu apoio mais forte, que deveria ser sua base e proteção; mas que se constitui agora como a grande falta que lhe deixou completamente só, e consequentemente lhe converteu no único responsável por si

mesmo.

Por isso que, na análise de Lacan, o problema de Hamlet é “não o objeto do desejo, mas o objeto no desejo” (p. 237), pois o objeto no seu desejo é um grande vácuo, uma visceral ausência. Seu “objeto” não existe; seu desejo, como o desejo do obsessivo, é sempre ansioso, tenso, sofrido, agoniado.

Falando justamente das características do desejo do obsessivo, Lacan dirá:

O que o caracteriza não é portanto que o objeto de seu desejo seja impossível, pois ele não estaria aí, e por esse traço ele só é aí uma das formas especialmente manifestas de um aspecto do desejo humano, é que o obsessivo coloca acento sobre um encontro com essa impossibilidade. Dito de outra forma, ele se arranja para que o objeto de seu desejo tome o valor essencial de significante dessa impossibilidade (p. 244).

É uma experiência efetivamente não só dolorosa, mas também apavorante, a de não encontrar *nada* exatamente onde antes havia um “tudo”. É o tipo de experiência que deixa uma cicatriz indelével, apenas tratável, e com a qual deveremos aprender a viver, sabendo lidar com as pequenas sensações de pavor que ocorrerão eventualmente – sempre que, por algum descuido, essa experiência for revivida, reativada lá no fundo da alma.

o buraco da perda no real de alguma coisa que é a dimensão, propriamente falando, intolerável oferta à experiência humana, que é, não a experiência da própria morte, que ninguém tem, mas aquela da morte de um outro que é para nós um ser essencial, isso é um buraco no real (Lacan, p.245).

Em Hamlet, talvez mais do que no Édipo, o processo de superação da figura paterna leva à neurose obsessiva porque é a tentativa de superar um inimigo que não existe, mas que, de uma forma absolutamente inesperada e estranha, ficou gravado como um profundo rasgo no coração da criança. A energia do sujeito, que devia ser direcionada contra um obstáculo vivo, real, faz o possuidor dessa energia colapsar ao senti-la sem sentido, sem um alvo, voltada para um espaço vazio. É preciso muita vontade e persistência para superar isso: superar um sentido que não existe, mas que, ainda assim, continua a se expressar na forma de um querer viver.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* (1900). (Obras completas vol.4). Trad. Paulo César de Souza. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

HELIODORA, Bárbara. Introdução à 1ª edição de *Hamlet*/ Introdução à 2ª edição de *Hamlet*. IN: - SHAKESPEARE, W. *Hamlet, Rei Lear, Macbeth*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2010. (Clássicos Abril Coleções; v. 10).

LACAN, Jacques. *Seminário 6. Lição XVIII: o desejo e sua interpretação*. Disponível em: <https://www.traco-freudiano.org/tra-lacan/desejo-interpretacao/18-22%20abril1959.pdf>

LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da Psicanálise*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet, Rei Lear, Macbeth*. Tradução de Barbara Heliodora. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2010. (Clássicos Abril Coleções; v. 10).

SÓFOCLES. *Édipo rei*. Tradução de Paulo Neves. L&PM. Porto Alegre: 2013.

ANDRÉ HENRIQUE M. V. DE OLIVEIRA é doutor em Filosofia pela UFC e professor de Filosofia do IFPI. Autor dos livros *Raul Seixas e a filosofia: um ensaio*, e *Materialismo agônico: corpo, mente e matéria na filosofia de Schopenhauer*. Cursa bacharelado em Psicologia.